



**Editorial da Seção Temática: celebração dos 10 anos do
PPGEumat (UFMS)**

**Editorial of the Thematic Chapter: celebration of the 10 years of
PPGEumat (UFMS)**

Thiago Pedro Pinto¹

O ano de 2017 foi especial para o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Há dez anos se iniciavam as atividades do primeiro mestrado em Educação Matemática do Mato Grosso do Sul, resultado de um movimento que tem fortes marcas já na década de 1980, na criação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática com participantes sul-mato-grossenses que, no retorno do encontro inaugural, fundaram a regional “MS”. Incansáveis lutas e disputas marcam esta história – que seguem até os dias atuais. Estes últimos anos marcam um ciclo, o Programa de Mestrado que sofreu fortemente com a perda de vários docentes em um trágico acidente conseguiu, a duras penas, se manter em pé e mostrar que era possível fazer pesquisa longe dos grandes centros. Uma forte marca desta vitória foi a abertura do doutorado – único do centro oeste – e a última avaliação da CAPES, que deu ao programa a nota cinco. É hora de comemorar e (re)memorar!

Ao longo do ano fizemos vários eventos nos quais pudemos trazer parceiros de pesquisa para discutirmos rumos e possibilidades do nosso campo, pesquisadores de renome nacional para trocar conosco suas experiências e motivações e, é claro, aqueles que fizeram acontecer isto que está sendo agora celebrado – tudo isso regado a muito café, alegria e lágrimas – muitas lágrimas.

Estes eventos-celebrações foram assim: encontros! Dizia o poeta que a vida é a arte do encontro, mesmo com tantos desencontros pela vida². Neste ano pudemos encontrar. Encontros com os de dentro e com os de fora, com aqueles os quais já trabalhamos muito e com aqueles do inusitado, do novo.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. thiago.pinto@ufms.br

² Vinícius de Moraes e Baden Powell, Samba da Benção.

O PPGEdumat não parece ter contornos rígidos, (de)limitações, talvez o traço mais característico, se assim o buscarmos, seja a interlocução e a multiplicidade. Diversos grupos de pesquisa e diversas linhas que dialogam na formação do futuro pesquisador, parcerias nacionais e internacionais deslocam – quando necessário - o PPGEdumat para contribuir com discussões mais amplas, Lisboa, Campinas, Lion, São Paulo, Rio Claro, Recife, Bélgica estão “aqui do lado” e compartilham conosco diversas questões.

Nesta diversidade foram organizados nossos encontros deste ano: Aula Inaugural, ESEM (parte 1, em maio, e a parte 2, em agosto). Mais de 15 conferencistas estiveram à frente de nossas discussões que se seguiram por aproximadamente 10 dias de trabalho intenso. Apresentaremos nesta seção temática oito textos que, de alguma forma, trazem para nosso leitor um pouco das discussões que perpassaram estes dias de celebração e trabalho.

Os dois primeiros textos desta seção temática nos trazem um pouco a história da educação matemática em nosso estado e, particularmente, do Programa de Pós-Graduação que comemora os seus 10 anos de funcionamento. Bittar e Freitas compuseram uma mesa redonda com alguns professores do Programa que nos narraram importantes momentos da constituição e afirmação do Programa.

Marilena Bittar, nome automaticamente relacionado a este Programa, nos narra 10 cenas desta história, do planejamento, dificuldade e êxitos neste período de mais de 10 anos. Fica nítido para nós o quanto a pós-graduação em nossa universidade, acredito que em quase todo Brasil, ainda luta para legitimar seu espaço e importância no meio universitário. A falta de incentivos e de condições mínimas marca esta narrativa, prevalecendo muitas vezes uma motivação pessoal e desejos individuais, o que poderíamos relacionar ao último texto desta seção (SILVA; MIARKA) que apresentaremos à frente.

José Luiz Magalhães de Freitas nos narra sua história junto à educação matemática, das primeiras séries, e seus esforços para estudar, à constituição de um campo Educação Matemática em nosso estado. Sua mudança de área frente às oportunidades e, especialmente, frente à demanda que começou a vivenciar em Mato Grosso do Sul também nos ajudam a entender como esta área de constitui, inicialmente com um grande quantitativo de profissionais com formação em matemática e que se debruçavam sobre a questão do ensino.

O terceiro texto desta seção também é “interno” ao Programa, dois professores dialogam sobre a oferta de uma disciplina em conjunto entre dois programas de pós-

graduação: em Educação Matemática e Estudos de Linguagens. Esta disciplina tentou brincar com um movimento “um pouco mais livre” entre as “caixinhas do conhecimento” – tão caras à academia -, com alunos e professores de dois programas distintos, propuseram uma leitura conjunta de Jacques Derrida e Ludwig Wittgenstein: uma [in]disciplina. Estes movimentos, tematizados a partir da ética, linguagem e tradução, trouxeram relevantes apontamentos sobre este trabalho conjunto e quanto pode a educação matemática se embrenhar pelo campo da linguagem sem deixar de ser educação matemática e também o contrário. Ressaltam a universidade como espaço plural, trans e [in]disciplinar.

Adair Naracarato, já citada aqui no texto de Marilena Bittar, tem fortes relações com o Programa e esteve conosco durante estas celebrações. O quarto texto desta seção aborda *práticas de formação e de pesquisa do professor que ensina matemática*, a partir de um movimento de construção narrativa. Nesta história, ela passeia por movimentos formativos e de formação, pela busca em se “adequar” a alguma tendência metodológica que a auxiliasse a compreender o que faziam e, depois, pela superação desta busca.

O próximo texto desta seção traz também a importância da narrativa como instrumento de coleta de dados. Márcia Cristina de Costa Trindade Cyrino nos apresenta um ensaio sobre identidade profissional de futuros professores que ensinam matemática. Seu texto revisita diversas possibilidades de pensar a identidade profissional e atenta para aquilo que dizemos e dizem sobre nossa profissão. Para a autora estas falas não são obras da casualidade, mas carregam consigo uma série de concepções enraizadas em nossa sociedade. A seu modo de ver, a explicitação destes posicionamentos é um rico potencial para investigar a formação de futuros professores de matemática.

Ainda no âmbito da formação: do pesquisador, do formador e do futuro professor, Quintaneiro, Giraldo e Frant nos apresentam algumas possibilidades metodológicas para caminharmos numa via de mão dupla entre academia e escola. Os autores tomam o espaço escolar e a atividade do professor como produtora de conhecimento matemático, em especial na proposição de modos de resolução de questões e problemas. Estes modos de fazer podem ser de especial interesse a pesquisadores. Estes dois personagens podem, juntos, atender tanto a interesses de um quando do outro. Desta forma, os autores propõem romper com a concepção de que a academia tem conhecimentos a transmitir aos professores, numa atitude colonizadora. A perspectiva defendida por eles trabalha numa contribuição e troca mútua.

Os “Dilhões” trazidos por Leite, Cabral e Chisté nos mostram a possibilidade de aprendizagem, de fuga e escapatória das “diretrizes” que nos são colocadas tanto para a infância quanto para a educação matemática. O procedimental nos vem em cartilhas, que ditam e esquematizam nossos modos de interagir, aprender e de ser. A pergunta de uma aluna de repente nos faz escapar de tudo isso e nos coloca em outro e novo processo, um processo do possível e do instável, não ditado em alguma norma, enfim, nos coloca a possibilidade de aprender.

Margareth Rotondo e Sônia Clareto arranham os cânones da escrita acadêmica, rompendo com uma estética usual não pelo rompimento em si, mas produzindo com esse rompimento, na busca não de um relato, mas de um acontecimento. Terrar, desterrar e outras tantas palavras germinam, ganham vida frente às suas experiências (do Grupo Travessia): experimentar o experimental.

Por fim, para encerrar esta seção temática temos o texto de Roger Miarka e Márcio Antonio da Silva, que problematiza sobremaneira a constituição de uma área e o quanto isso vai de encontro a movimentos “livres”. Brincando com certa oposição entre Educação Matemática e educação matemática, passeiam pela emblemática canção de Chico Buarque de Holanda que tematiza a relação entre Geni e a Cidade. Questionam assim o quanto estriamos nossos caminhos em favor de um Estado, abrindo mão de nossas errâncias e de um movimento nômade em favor de índices que comprovam nossa “eficiência” e pertencimento a um campo científico.

